

“SIM, EU VOU”: RESISTÊNCIAS COTIDIANAS E AFIRMAÇÃO DA AUTONOMIA FEMININA NA VELHICE

Michelle Ferreira de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Brasil.

michelle.oliveira@ueg.br

Thais Aguiar Rufino

Universidade Estadual de Goiás, Quirinópolis, Brasil.

thais.rufino@ueg.br

Eliana de Toledo

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

etoledo@unicamp.br

Resumo

As histórias de vida de mulheres idosas participantes do projeto Cignus sinalizam trilhas de enfrentamento, superação e reconfiguração da identidade, marcadas pela velhice como um espaço ativo de resistência e empoderamento (Oliveira, 2023). O presente estudo, tem como objetivo compreender, a partir das vivências dessas mulheres 60+, participantes de um projeto de Ginástica para Todos (GPT), seus processos subjetivos e coletivos de ressignificação de si. Utilizou-se o método da história oral, com uma pergunta geradora, para mulheres desse grupo, com aprovação de Comitês de Ética. As entrevistas revelam experiências marcadas por controles familiares, especialmente por figuras masculinas, que, por vezes, limitaram a autonomia física, emocional e simbólica dessas mulheres ao longo da vida. Em um dos relatos, foco deste trabalho, identifica-se a resistência de uma participante à interdição do filho diante de sua decisão de viajar, na qual ela afirmou “Sim, eu vou”; demonstrando o intento contra normas restritivas ao doméstico, ao lar, e à subordinação. Este caso fortalece o tema de uma imposição ainda do universo masculino à mulher, ainda marcante nas relações familiares brasileiras (Oliveira, 2024). E, de modo surpreendente, a posição de um filho, destacando uma herança machista, além do preconceito etário, paradoxalmente, relacionado ao cuidado e à responsabilidade pela saúde dos pais. Há em cena uma “castração simbólica” (Mello; Souza, 2024) que denuncia o silenciamento imposto às mulheres, em especial às idosas, na esfera pública e privada. Contudo, a inserção no projeto Cignus representa, para muitas, um processo de reconstrução subjetiva, em que se reconhecem como sujeitos de desejo, ação e transformação. A prática da Ginástica para Todos (GPT), numa perspectiva democrática, inclusiva e de prerrogativas freirianas (Freire, 1996; Barbosa; Cunha, 2010) transcende o exercício físico, constituindo-se como ato político e pedagógico de reapropriação do corpo e da palavra. Conforme propõe Oliveira (2023), trata-se de uma pedagogia da liberdade, onde a cultura corporal torna-se espaço de insurgência e afirmação. A pesquisa aponta que o ambiente coletivo gerado a partir da prática de GPT e caracterizado pelos vínculos afetivos, atividades em grupo, viagens e apresentações públicas, fortalecem o senso de pertencimento e autoestima, favorecendo a emergência de práticas emancipatórias na velhice. Assim, compreende-se que a luta pela autonomia na velhice é múltipla, processual e profundamente enraizada no cotidiano. Ao afirmarem “sim, eu vou”, essas mulheres não apenas enfrentam interditos sociais e familiares, mas ressignificam seus corpos e histórias, reconstruindo, em ato, novos modos de ser mulher.

Palavras-chave:

Ginástica para Todos.
Envelhecimento.
Resistência.
Empoderamento
feminino.

Referências

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. (Orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELLO, D. M.; SOUZA, J.D. S. A devastação no masculino e a violência contra o feminino nas mulheres. *In: Rev. Latinoam.Psicopat.Fund.*, São Paulo, 24, dez.2021.

OLIVEIRA, M. F. '**Mulher, não te deixes castrar**': de Freire às Coras pela Ginástica para todos. 2023. 1 recurso online (181 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/16251>. Acesso em: 23 mai. 2025.

OLIVEIRA, M.H. Divórcio em Goiás: estereótipos sobre mulheres divorciadas e a resistência familiar (1977-2007). *In: Anais da XXI Semana de História da UEG: Movimentos sociais, poder e democracia*. 2024.